

COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA COMO RECURSO MEDIADOR EM HOSPITAIS COM PACIENTES INCAPACITADOS DE USAR A FALA

MARTINI, Julia Fernanda
1549508
ALBRECHT, Ana Rosa Massolin

RESUMO

O presente artigo aborda como tema a “Comunicação Alternativa como recurso mediador em hospitais com pacientes incapacitados de usar a fala”. O estudo tem por fim três objetivos: Mostrar a importância dos recursos da comunicação alternativa dentro dos hospitais; Apresentar quais os recursos e técnicas da comunicação alternativa que as equipes médicas podem estar utilizando em leitos hospitalares como forma de se comunicar com seus pacientes e vice-versa; Manifestar a importância dos médicos, enfermeiros e toda equipe hospitalar de se ter um olhar sensível e preocupado em relação ao paciente internado incapaz de falar e como pensar na adaptação necessária a eles. Apresentar a importância do uso de pranchas de comunicação alternativa em pacientes hospitalizados e impossibilitados de se comunicarem pela fala e com pacientes que já apresentam deficiências antes mesmo de estarem internados. O pedagogo hospitalar está em evidência, e sendo assim, quanto mais informações e conhecimentos o educador tiver, mais efetivo será seu desempenho para a sociedade. A justificativa da escolha do tema em questão, se deu pelo fato de que mesmo com toda a tecnologia introduzida no âmbito educacional, muitos possuem extrema dificuldade em desfrutar destes recursos tecnológicos nas suas rotinas diárias. Há uma ampla variedade de materiais e recursos pedagógicos facilitadores para aprendizagem no qual a tecnologia é imprescindível. A comunicação alternativa é muito ampla e diversificada, pois cada recurso deve ser pensado de forma individual. Para o desenvolvimento deste artigo, foi utilizado pesquisas bibliográficas abordando algumas ideias mais específicas e aprofundadas sobre o tema da Comunicação alternativa aliada a tecnologia assistiva, algumas reflexões que possibilitaram um estudo mais significativo e acentuado.

Palavras-chave: Inclusão. Comunicação Alternativa. Hospitais. Recursos. Adaptação.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta como tema a “Comunicação Alternativa como recurso mediador em hospitais com pacientes incapacitados de usar a fala”, que tem por fim mostrar a nova geração de professores a importância de se utilizar destes recursos adaptados para melhorar a qualidade de vida de pessoas que dão entrada em hospitais que por algum acidente está incapaz de se comunicar momentânea ou

permanentemente e com isso trazer benefícios posteriores para sua vida em sociedade num todo.

O principal objetivo deste estudo consiste em compreender a importância e os benefícios de se usar a comunicação alternativa aliada à tecnologia assistiva para melhorar o desempenho e a qualidade de comunicação de pacientes hospitalares que estão passando por um grande trauma quando se veem em leitos devido a acidentes, perdas, lutos, traumas e outros. Apresentar aos educadores que se pode caminhar lado a lado com a tecnologia e que ela pode ser muito eficaz na evolução da expressão verbal e com isso a inclusão dos pacientes que possuem alguma necessidade educativa especial.

Na área hospitalar como na área educacional a tecnologia assistiva se tornou cada vez mais uma conexão positiva entre mediador e receptor, como um novo processo de aprendizagem e desenvolvimento de pessoas com necessidades especiais.

As várias formas de tecnologias estão sempre presentes no nosso cotidiano, como modo de agregar novos conhecimentos, auxiliar nossa rotina e facilitar a nossa vida. Essa realidade inclui muito a área hospitalar, pois o acesso as tecnologias facilitaram grandemente a prática de comunicação entre os profissionais da área da saúde, médicos, enfermeiros, recepcionistas, atendentes e seus pacientes.

É primordial termos a convicção de que todos os profissionais que compõem o atendimento em hospitais, postos de saúde, farmácias, clínicas de recuperação, casas de repouso e consultórios médicos precisam refletir sobre o assunto, procurando estar em sintonia e comprometidos para apropriação de novas perspectivas de comunicação, tecnologias e possibilidades de mudanças. Toda a comunidade precisa estar preparada e pronta para receber e acolher da melhor forma estes pacientes que há muito tempo foram basicamente esquecidos e menosprezados pela sociedade.

Desse modo, esta pesquisa, busca contribuir com a reflexão e discussão a esse respeito através de uma pesquisa bibliográfica onde pode ser observado a real necessidade de se usar as ferramentas tecnológicas a favor de uma comunicação de qualidade, eficiente e inclusiva.

2 INCLUSÃO ATRAVÉS DA COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA

A comunicabilidade através da linguagem é a forma mais eficaz de representarmos algo que queremos, nossos desejos, nossos sentimentos, nossas vontades, alegrias e dores. É o meio de transmitir significado as coisas, é um sistema interativo entre a espécie humana e processo de socialização.

A comunicação humana é uma troca de sentimentos e necessidades entre duas ou mais pessoas. Quando uma mensagem deve ser transmitida, tipicamente as pessoas utilizam a linguagem que, quer falada, escrita, ou por sinais, envolve um sistema que transmite um significado. (BOONE; PLANTE, 1994, p. 83).

Uma complementação importante na nossa forma de comunicação é de que existem diferentes dimensões de linguagem, vários modos de expressões e comunicações, os quais podem ser explorados de diferentes modos, como, por exemplo, as expressões faciais que manifestam várias informações e estados emocionais, os gestos são significativos e importantes, pois um simples sinal com as mãos pode simbolizar inúmeras coisas.

Comunicação Alternativa é uma área da tecnologia assistiva que auxilia pessoas sem a fala, sem a escrita ou com qualquer outro dano em sua comunicabilidade. Os recursos alternativos podem suprir temporária ou definitivamente a necessidade de comunicação de um indivíduo valorizando todas as diferentes formas de expressão.

A comunicação alternativa aliada a tecnologia assistiva usa diversificadas formas de recursos adaptáveis como, por exemplo, pranchas e cartões de comunicação, vocalizadores além de outros diferentes tipos de recursos que ampara a necessidade de comunicabilidade do paciente com seu médico ou profissional da área da saúde.

É basicamente comovente pensar na situação de uma pessoa que acorda em um leito hospitalar depois de ter sofrido um acidente, perder algum familiar, estar ferido, com dor, amputado enfim e não conseguir expressar seus sentimentos ou o que necessita naquele exato momento porque é incapaz de falar por causa do trauma que sofreu ou porque sempre teve a ausência da fala e naquele momento não tem o amparo de algum familiar ao seu lado para lhe ajudar com a comunicação.

PRECISO FALAR COM

Gerador de Pranchas ARASAAC v0.1

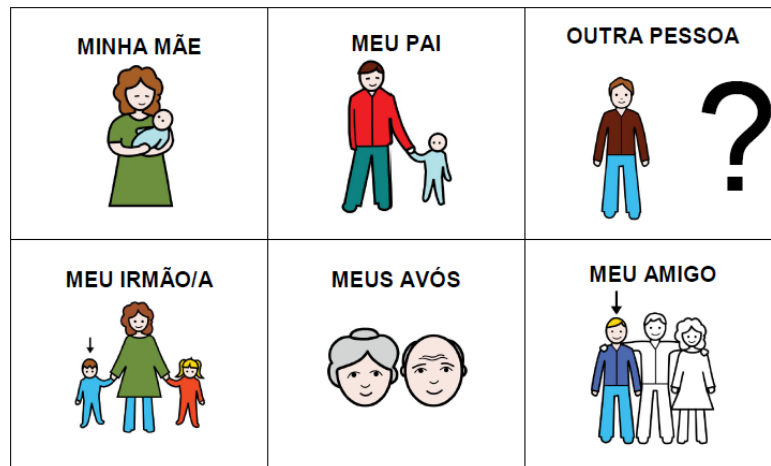


Figura 1 Exemplo de prancha para uma comunicação inicial entre paciente e médico/enfermeiro



Figura 2 Exemplo de prancha de comunicação

diferente de necessidade e dificuldade. Essas adaptações precisam oferecer condições desejáveis e refletir no desenvolvimento de sua linguagem.

Na área hospitalar, utilizar a tecnologia assistiva implica em novas e variadas formas de comunicação, é neste momento que as ferramentas diferenciadas precisam estar em destaque dentro do ambiente hospitalar e com isto mostrar a todos o quão importante estes recursos são para ajudar pacientes com necessidades educativas especiais incluindo aqueles que sofrem traumas temporários na fala.

Os recursos de comunicação alternativa podem ser trabalhados de diferentes formas, tudo vai depender do grau de deficiência e necessidade do paciente incluso, porém pacientes que não possuem alguma deficiência também podem fazer uso dos materiais pois só irá agregar ainda mais no desenvolvimento da comunicação de todos.

O olhar pedagógico requer muito cuidado para pensar quais as habilidades e potencialidades que serão utilizadas através dos recursos dessas tecnologias.

Certamente o papel do educador está mudando perante essas evoluções apresentadas todos os dias. Este desafio é descrito por vários educadores como um processo de evolução permanente e constante, com a qual aprendemos vivenciando e convivendo. (HAETINGER, 2003, p.17).

Cabe ao professor ter um olhar sensível e perceptível para usar da criatividade para adaptar recursos potencializadores de comunicação. Além do mais, é possível até mesmo produzir materiais manuais para poder utilizar como forma de comunicação, aprendizado e diversão com seus pacientes de inclusão ou não deficientes.

Inúmeras estratégias e ferramentas de comunicação alternativa podem ser desenvolvidas, sendo que cada recurso e adaptação vai depender da necessidade individual do paciente, levando muito em consideração se esse paciente é criança, adulto ou idoso.

Podem ser feitos de forma manual como por exemplo tabuleiros com palavras, formas, gráficos, desenhos e símbolos. Existem pranchas de comunicação que podem ser feitos com diversos materiais, até mesmo com folhas mais grossas, cartolina, papel colorido ou até onde a criatividade do pedagogo puder ir.

Jogos que estimulam, incentivem e despertem o interesse podem ser confeccionados e usados dentro dos hospitais, pois podem ser confeccionados com

EVA, velcro, materiais emborrachados, laminados, amadeirados e com materiais reciclados como tampinhas e caixinhas de distintos materiais. Explorar a ludicidade é uma excelente alternativa porque é nestes momentos que despertam o estímulo e o interesse dos pacientes, brincando as crianças estão expostas a um ambiente favorável para o desenvolvimento da comunicação/linguagem.

Algumas pranchas de comunicação são confeccionadas até mesmo com fotos ou imagens da internet, fotos e figuras do dia a dia e da rotina dentro dos hospitais podem ser feitas por sessões, como por exemplo, a rotina do paciente desde o momento de acordar até o momento de dormir, passando pelas refeições, vestuário, escovar os dentes, tomar banho, receber medicamentos, troca de curativos etc.

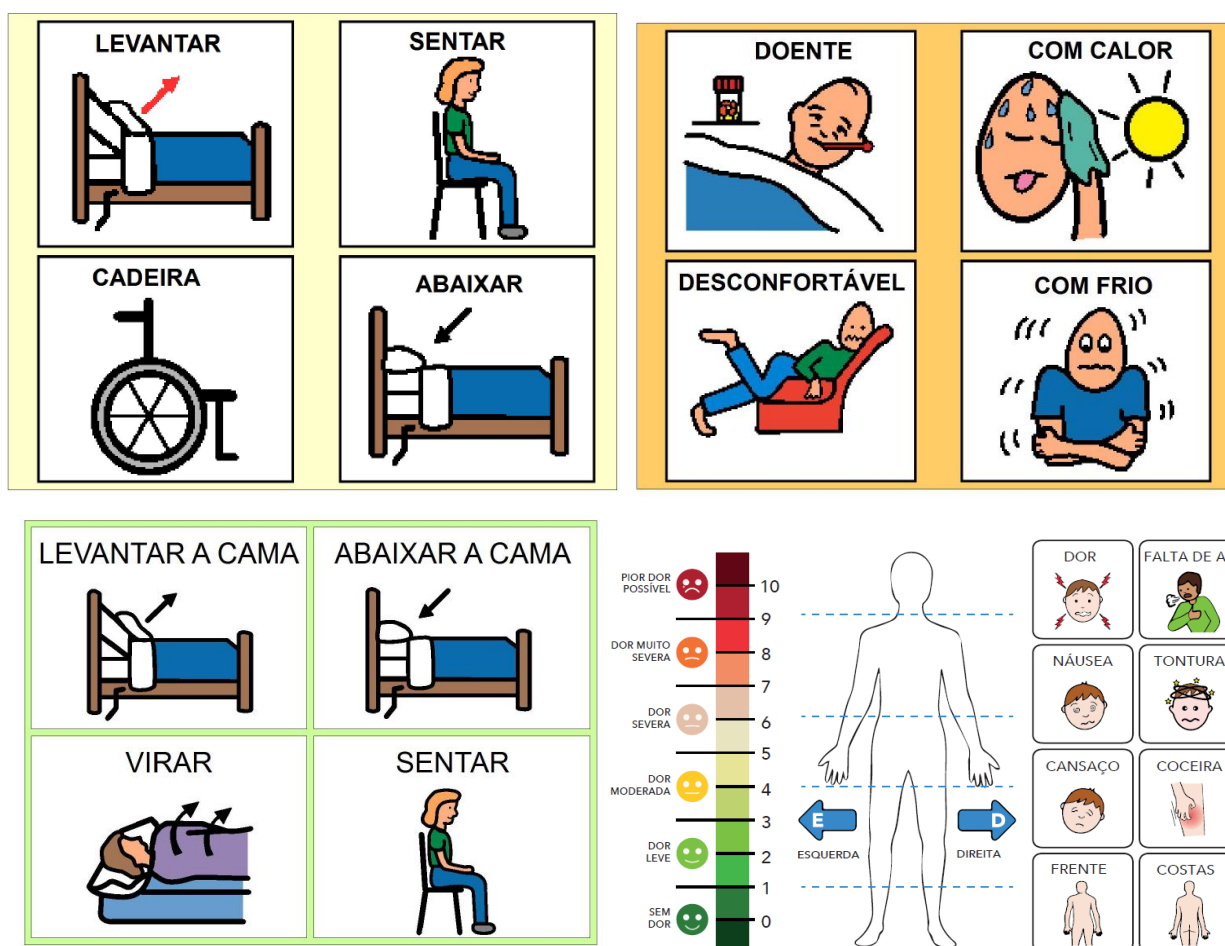


Figura 4 Pranchas variadas de comunicação com rotinas e desejos dos pacientes de bem-estar



Figura 5 Prancha de comunicação com rotinas de atendimento entre profissional médico e paciente

(...) uma área do conhecimento, de características interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação, de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social. (BRASIL, 2009, P. 9).

É indispensável saber que todo recurso e material adaptado que o usuário de inclusão necessitar fazer uso, pode e deve ser usado em todos os espaços que ele frequenta, ou seja, dentro e inclusive fora do ambiente hospitalar, pode ser em casa, na rua, no restaurante, no parque. Os materiais não podem ser restringidos unicamente a um lugar, mas sim ser explorado em qualquer lugar que se possa imaginar ou onde ele queira estar.

Os materiais precisam ser confeccionados pensando na prática e na funcionalidade para o usuário, como exemplo, podemos citar pequenos cartões com algumas imagens, fotos e símbolos mais usados no cotidiano ou em chaveiros para que a pessoa possa guardá-los no bolso, carregar na mão levar para todos os lugares que for mesmo depois que receber alta médica, pois mesmo depois de receber alta

médica o paciente muitas vezes ainda precisa de acompanhamentos seja de fisioterapeutas, reconsultas, terapias e outros.

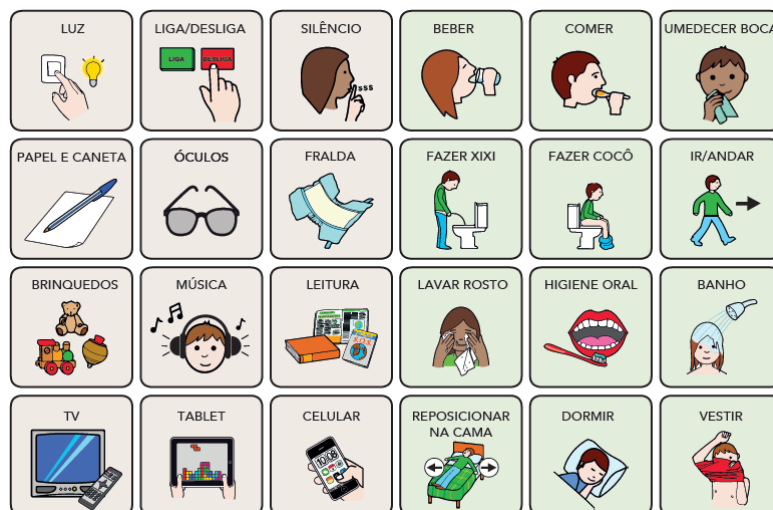


Figura 6 Exemplo de prancha de comunicação que poderá ser usada após alta médica

2.1 INCLUSÃO ATRAVÉS DAS TECNOLOGIAS ASSISTIVAS

Atualmente, a tecnologia é uma grande aliada. Há muitos recursos especiais e específicos de softwares voltado para a área tecnológica mais avançada. Alguns sistemas computadorizados ou aplicativos no celular podem ser usados em vários momentos como meio de propiciar melhor comunicabilidade e inclusão a esses pacientes em todo espaço da comunidade em que vive. Não podemos deixar de parafrasear Radabaugh (1993, p. 1) quando refere que, "para as pessoas sem deficiência, a tecnologia torna as coisas mais fáceis; para as pessoas com deficiência, a tecnologia torna as coisas possíveis".

As modernizações tecnológicas fazem com que as coisas se tornam prazerosas e significativas, a tecnologia se apresenta de forma lúdica, dinâmica e agradável como recurso não só de comunicação, mas abrangente em vários outros segmentos pedagógicos.

Um fator extremamente importante neste processo todo é de que os profissionais e todos os envolvidos nesta ação se adaptem aos recursos utilizados e enfrentem as suas dificuldades, mas principalmente com os recursos tecnológicos, pois compete ao pedagogo hospitalar ser o causador e responsável inicial neste desenvolvimento.

Segundo a Declaração de Salamanca (1994, p. 2) “mobilizar o apoio de organizações dos profissionais de ensino em questões relativas ao aprimoramento do treinamento de professores no que diz respeito às necessidades educacionais especiais”. Dessa forma, é suma importância que professores atendem pessoas de inclusão tenha formação adequada, participando de cursos, treinamento e capacitações sobre recursos alternativos para desenvolver práticas educativas expressivas e significativas no âmbito escolar e fora dele.

Pedagogos hospitalares com pacientes acamados precisam ter apoio, confiança e segurança no que estão fazendo e trabalhando, pois é neste período que os pacientes precisam ser entendidos e acolhidos, sendo assim com a capacitação e o treinamento apropriado tudo se torna mais proveitoso e efetivo.

Segundo Rita Bersch (2017, p. 13) “todo o trabalho desenvolvido em um serviço de tecnologia assistiva deverá envolver diretamente o usuário e terá como base o conhecimento de seu contexto de vida, a valorização de suas intenções e necessidades funcionais pessoais, bem como a identificação de suas habilidades atuais”.

Saber que as tecnologias são muito facilitadoras na comunicação tornam o trabalho do pedagogo hospitalar mais notável e significativo, e é neste momento em que precisa ter amparo de toda a equipe de profissionais.

Utilizar esses recursos vai com o tempo criando aos profissionais hospitalares mais independência, autonomia e liberdade para poder expressar suas vontades e desejos. Os recursos voltados a expressão da comunicabilidade de forma lúdica fazem com que muitas vezes o paciente tímido e introvertido se torne mais espontâneo, dinâmico, incluso nas rotinas e principalmente feliz.

A tecnologia assistiva também está associada ao auxílio da mobilidade das pessoas com deficiência, as cadeiras de roda motorizadas, carrinhos de transporte, andadores, bengalas com som e aparelho auditivo fazem parte do conjunto de recursos alternativos e adaptados para melhor atender as necessidades das pessoas com deficiências e incapazes.

“Propiciar, de maneira apropriada, assistência técnica e financeira, inclusive mediante facilitação do acesso a tecnologias assistivas e acessíveis e seu compartilhamento, bem como por meio de transferência de tecnologias”. (Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, ONU, 2007).

Os recursos adaptáveis de comunicação alternativa estão sempre em constantes evoluções e mudanças, se modificando, se transformando para que consigam sempre atender à necessidade de todos aqueles que precisam de ajuda e um olhar inovador.

O acesso à internet hoje para as pessoas com limitações está bastante apropriado e adaptado, o acesso a vários meios sociais e canais de comunicação estão favoráveis e propícios, um exemplo é a plataforma de compartilhamento de vídeos mais famosa do mundo *Youtube*, onde já existe inúmeros canais adaptados em Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) para atender o público com surdez, vídeos de entretenimento, estudos, filmes, clipes musicais e outros.

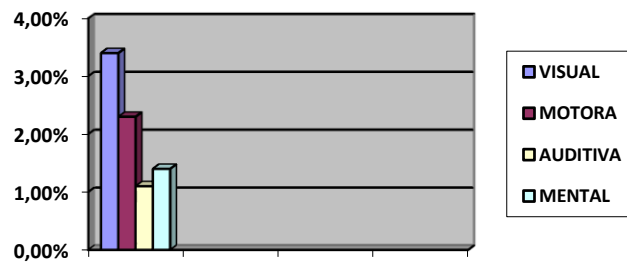
Os aplicativos de dispositivos móveis estão a cada novo dia com mais novidades e se adequando a realidade desse público para propiciar á elas uma forma de estarem incluídas em todos os espaços da nossa sociedade.

Segundo a recente Lei Brasileira de Inclusão, Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, artigo 74: É garantido a pessoa com deficiência acesso a produtos, recursos, estratégias, práticas, processos, métodos e serviços de tecnologia assistiva que maximizem sua autonomia, mobilidade pessoal e qualidade de vida.

A legislação brasileira constitui o direito a tecnologia assistiva e prescreve atuação intencional da parte da administração para atender estas necessidades, apesar disso as pessoas com deficiência juntamente com suas respectivas famílias e responsáveis possuem uma enorme carência de informações e referências sobre a existência desta lei e as garantias de direito da população.

Subsiste a real necessidade em ser divulgado mais sobre a inclusão, sobre a necessidade de ter um olhar inclusivo em todo nosso corpo social, nos meios de comunicação, propagandas e principalmente em todos os espaços educacionais, manifestar a insatisfação de um assunto tão sério e importante na vida de muitas pessoas passa muitas vezes despercebido aos olhos da maioria das pessoas que não possuem nenhum tipo de deficiência ou não convivem com uma realidade igual a tantas.

Em concordância com o Censo do IBGE no ano de 2010, foi divulgado que existem quase 46 milhões de brasileiros com algum tipo de deficiência ou algum grau de dificuldade em pelo menos uma de suas habilidades (enxergar, ouvir, falar, caminhar, subir escadas) ou seja, cerca de 24% da população possui certa deficiência.



Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010

Segundo o gráfico, pode ser visto que a deficiência visual faz parte da vida de 3,4% da população brasileira, seguindo da deficiência motora que corresponde a 2,3%, logo em seguida a deficiência auditiva corresponde a 1,1% de pessoas e por último a deficiência intelectual/mental que representa um número de 1,4% da população.

Revelou-se, através destes dados, o quão abundante é a demanda nesta área da comunicação alternativa, a real necessidade em se fazer ações neste sentido de recursos e adaptações para que haja a existência de se promover a inclusão de pessoas com deficiência em todos os aspectos e espaços da nossa sociedade, no mercado de trabalho, no campo da educação, de uma vida digna, independente e de qualidade.

É muito importante que as famílias e as pessoas tenham um olhar cuidadoso e atento diante de crianças que demonstrem dificuldades na oralidade ou no ato em demonstrar as suas vontades, frustrações e necessidades. O primeiro recurso é procurar profissionais da área da saúde para que possam averiguar as dificuldades e dar um diagnóstico preciso, trabalhar em parceria com outros profissionais especializados faz com que os resultados sejam mais visíveis e mais fácil para ambas as partes, pois a troca de informações e experiências tornam os resultados esperados mais relevantes e expressivos.

Acreditar e ter a esperança no coração de um futuro melhor e transformador, faz com que tenhamos ânimo e alegria em poder acordar todos os dias e sair em busca do conhecimento que vai fazer com que sejamos a ferramenta capaz de passar a diante todo o ensinamento que um dia a nós foi concedido.

Esse é o papel do educador que trabalha em prol do bem comum, com amor no coração, respeito a profissão e ao juramento que prometeu no dia da graduação,

ser educador é enfrentar todo o cansaço, todo o descaso e, muitas vezes a humilhação que sofre, é ter a convicção de que o futuro depende de nós mesmos e que juntos podemos ser imbatíveis.

Acreditar no potencial dos pacientes dando-lhes as ferramentas necessárias para que consigam a sua comunicação e suas habilidades torna o papel do pedagogo hospitalar ainda mais gratificante e emocionante diante de inúmeras situações complicadas e incompreensíveis dentro desta profissão.

Precisa ser pensado sempre à respeito das leis de proteção ao portador de necessidades especiais e todo esse amparo que eles tem, levando muito em consideração a prática de promoção dos direitos humanos.

A consciência do direito de constituir uma identidade própria e do reconhecimento da identidade do outro traduz-se no direito à igualdade e no respeito às diferenças, assegurando oportunidades diferenciadas (equidade), tantas quantas forem necessárias, com vistas à busca da igualdade. O princípio da equidade reconhece a diferença e a necessidade de haver condições diferenciadas para o processo educacional. (BRASIL, 2001, p. 11)

Cada progresso feito por um paciente internado é algo que merece ser comemorado e manifestado, pois o que para nós é apenas um passo, para as pessoas com limitações é um salto gigantesco.

A inclusão num todo teve nos últimos anos um avanço muito significativo comparado com a realidade que era alguns anos atrás. As especializações de pedagogos na área da educação especial foram e estão sendo de extrema importância, o reconhecimento sobre esta área da educação e a necessidade em sempre estar se atualizando demonstra a real necessidade pela procura destes novos conhecimentos.

O movimento inclusivo nas nossas escolas caminha, infiltrando-se, criando caminhos para se estabelecer, conquistando os resistentes por seus resultados, refutando soluções conservadoras, apresentando soluções, convencendo os que duvidam, impondo-se pelo seu posicionamento democrático. (MANTOAN, 2015, p.89).

A caminhada da educação inclusiva é um caminho muito árduo e sofrido, nenhum pouco fácil de se trilhar. Precisamos lutar sempre para que haja uma quebra dos paradigmas habituais existentes e mostrar como essas pessoas são capazes e tem potencial em estarem se desenvolvendo e inseridas dentro da comunidade ao lado das pessoas que não possuem deficiência e tendo os seus direitos respeitados.

A tecnologia por muito tempo está sendo presente e muito utilizada nas nossas rotinas diárias, intervindo positivamente nos nossos conhecimentos e relativamente na nossa forma de nos envolvermos e relacionarmos com o mundo e com as outras pessoas. A transformação e o desenvolvimento da nossa comunidade bem como das novas tecnologias, estão continuamente em grandes mudanças, renovações e adaptações para que todas as pessoas estejam e se sintam incluídas em diferentes espaços onde se quer estar.

Foi graças a existência das leis de inclusão que muitas pessoas que antes estavam à mercê da sociedade, que eram subjugadas, desprezadas e rejeitadas inclusive pela própria família puderam ter os seus direitos garantidos e efetivados além de terem todo o apoio profissional e médico de que necessitam para obter melhor desenvolvimento cognitivo e físico.

(...) quando numa experiência de socialização, a construção social da criança deficiente tem como ponto de partida a aceitação do mundo como síntese de tarefas que devem ser executadas. Nessa situação, se apresentam os que conseguem executar tarefas mais ou menos a contento, ao lado dos que não conseguem realizar suas tarefas. (FREITAS, 2005, p. 2).

Há uma grande dificuldade em pessoas não deficientes ainda aceitarem ou enxergarem os deficientes como pessoas capazes de estarem inseridas de forma natural na nossa sociedade e além de aceitarem os deficientes no mercado de trabalho por exemplo. Ainda é grande as restrições e dificuldades em se contratar pessoas portadoras de necessidades especiais no mercado de trabalho. As desculpas são inúmeras quando se é perguntado a respeito do porquê destas objeções, mas precisamos ter em mente que todos têm os seus direitos e que todas as pessoas são diferentes, mas todos possuem habilidades e potenciais, isto é, possibilidades de aprender e conviver em sociedade.

2.2 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste artigo, foi utilizado pesquisas bibliográficas abordando algumas ideias mais específicas e aprofundadas sobre o tema da Comunicação alternativa aliada a tecnologia assistiva, algumas reflexões que

possibilitaram um estudo mais significativo e acentuado desenvolvido durante a escrita.

Para Gil (1999, p. 42): “A pesquisa tem um caráter programático, é um processo formal e sistemático de desenvolvimento do método científico. O objetivo fundamental da pesquisa é descobrir respostas para os problemas.”

O recurso científico é empregado na maioria das pesquisas por ser realizada diversas investigações com diversificado número de autores que discorrem sobre um determinado assunto, sendo assim a grandiosidade de informações e aprendizados que conseguimos aprender é fundamental para futuros atendimentos e aplicações nesta área.

As pesquisas bibliográficas contribuem para reunir todas as informações e dados que forem fundamentais para a composição e elaboração de um trabalho. Desta forma, as pesquisas ajudam a identificar respostas para as perguntas e dúvidas em meio a uma temática tão importante e complexa.

Agregando ainda mais valor ao material estudado, tenho o privilégio de poder ter exercido a profissão na área da educação especial de aproximadamente quatro anos de atuação no Estado de Santa Catarina e Rio Grande do Sul, no qual pude me apaixonar ainda mais por esta área da educação e principalmente por aquelas pessoas que buscam ajuda, auxílio ou simplesmente um pouco mais de carinho e atenção.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo buscou mostrar quais são as ferramentas manuais simples e tecnológicas capazes de auxiliar e promover a ampliação de comunicação de pessoas que possuem alguma deficiência na fala de forma permanente ou temporária quando se encontram em ambientes médicos e hospitalares e que buscam esse auxílio profissional para terem uma vida mais digna e independente.

Este trabalho também foi muito significativo, pois mostrou como as ferramentas optativas auxiliam na formação do conhecimento do profissional e como essas tecnologias podem ajudar na formação do pedagogo para melhorar o desempenho de seus pacientes em um dos momentos mais dolorosos de sua vida.

No decorrer da escrita, foi mostrado as diversas possibilidades de promover ao paciente com deficiência ou incapacitado de usar a fala o acesso à uma fração de tantos os recursos que existem, pois os recursos e acessos adaptados a eles estão garantidos por lei e devem ser exigidos ao poder público para que se cumpra com o esperado. Podemos observar que diante de tantas tecnologias que são usadas facilmente no dia a dia de todos, quando ele é voltado para a área especializada da educação especial existem alguns receios e dificuldades, pois tudo parece ser mais difícil e complicado, a falta de preparo dos profissionais faz com que exista esse obstáculo.

São os serviços de comunicação alternativa que faz com que os pacientes acamados possam desenvolver melhor a comunicação para que assim consigam ter um estilo de vida mais feliz e independente. Os recursos e materiais adaptados específicos e na área tecnológica torna as consultas e os atendimentos hospitalares mais prazerosas e mais lúdicas, os resultados são mais eficazes e mais significativos.

O papel do pedagogo hospitalar é uma peça-chave dentro destes espaços, ele é um personagem importante de todo este processo de inclusão e de desenvolvimento, pois precisa estar seguro, confiante e treinado para mostrar aos seus pacientes e colegas de trabalho o melhor que podem usufruir destes recursos.

Para aqueles que buscam ajuda através da tecnologia e que sabem manusear o mínimo destas ferramentas, é possível tornar a comunicação e os resultados satisfatórios. Por esse motivo é relevante que os pedagogos se esforcem ao máximo para aprender tudo o que a tecnologia e os recursos adaptados são capazes de lhes oferecer e que usem todo esse arsenal de forma correta para ajudar aqueles que buscam serem ouvidos e tendo conforto num momento tão delicado assim como carinho e atenção.

REFERÊNCIAS

BERSCH, Rita. **Introdução a tecnologia assistiva**. Disponível em: <http://www.assistiva.com.br/Introducao_Tecnologia_Assistiva.pdf> (Acesso em: 19 maio 2019).

BOONE, D. R.; PLANTE, E. **Comunicação Humana e Seus Distúrbios**. [Tradução de Sandra Costa]. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

BRASIL. Censo IBGE. **Pessoas com deficiência**. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/onheca-o-brasil/populacao/20551-pessoas-com-deficiencia.html>>. (Acesso em 19 maio 2019).

BRASIL. Ministério da educação. **Tecnologia Assistiva**. Brasília, 2009.

BRASIL. Lei n. 13.146 de 06.06.2015. **Lei Brasileira de Inclusão**. Artigo 74, cap. 03. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm> (Acesso em: 19 maio 2019).

BRASIL. A/RES/48/96, Resolução das Nações Unidas adotada em Assembleia Geral estabelece: **Procedimentos-Padrões das Nações Unidas para a Equalização de Oportunidades para Pessoas Portadoras de Deficiências**. 1994, p. 02. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>> (Acesso em: 20 maio 2019).

BRASIL. **Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência**: Protocolo Facultativo à Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência: Decreto Legislativo nº 186, de 09 de julho de 2008: Decreto nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. 4ª Ed., rev. e atual. Brasília: Secretaria de Direitos Humanos, artigo 32, p. 61, 2010.

EQUIPE EDUCAMUNDO. **Comunicação Alternativa como método de inclusão. Você se sente pronto?** Disponível em: <<https://www.educamundo.com.br/blog/curso-online-comunicacao-alternativa>> (Acesso em: 20 abr. 2019).

FREITAS, Marcos Cezar. **História da infância e deficiência**: Alegorias do apetrecho e do protocolo. Reunião anual da ANPED, Caxambu: Anais, 2005.

GALVÃO FILHO, T. A. **A Tecnologia Assistiva: de que se trata?** In: MACHADO, G. J. C.; SOBRAL, M. N. (Orgs.). *Conexões: educação, comunicação, inclusão e interculturalidade*. 1 ed. Porto Alegre: Redes Editora, p. 207-235, 2009. Disponível em PDF: <www.galvaofilho.net/assistiva.pdf> (Acesso em: 18 abr. 2019).

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas, 1999.

HAETINGER, Max G. **Informática na educação - um olhar criativo**. Coleção criar. Instituto criar, 2003.

MANTOAN, Maria Teresa Égler. **Inclusão escolar: O que é? Por quê? Como fazer?** 1. Reimpressão. São Paulo: Summus, 2015.

_____. **Inclusão escolar: pontos e contrapontos**. 5. Ed. São Paulo: Summus, 2006

RADABAUGH, M. P. **Study on the Financing of Assistive Technology Devices of Services for Individuals with Disabilities** - A report to the president and the congress of the United State, National Council on Disability. Março 1993. Disponível em: <<http://www.ccclivecaption.com/>> Acesso em 19 maio 2019.

SCHIRMER, Carolina R. *et al.* **Atendimento Educacional Especializado**. Deficiência Física. São Paulo: MEC/SEESP, 2007. 130p.